

A importância da interseccionalidade no movimento sufragista feminino na obra de Angela Davis

Paulo Alexandre Trindade Freire¹

Resumo: O seguinte trabalho tem o objetivo de ensaiar acerca da importância da interseccionalidade entre gênero, raça e classe no movimento sufragista feminino na obra de Angela Davis; a autora faz, em *Mulheres, Raça e Classe*, uma análise a partir da história da escravidão e da Guerra Civil nos Estados Unidos, mostrando os problemas da supremacia, tanto dos brancos que escravizaram o povo negro, quanto da burguesia que se aproveitava da classe operária com o surgimento das indústrias, quanto dos homens em relação às mulheres. Analisaremos como Davis mostra a importância de se vê as lutas como uma “união” e de se vê como tudo está relacionado; a importância da interseccionalidade entre gênero, raça e classe, mostrando de forma dialética como é necessário enxergar essas lutas como um conjunto e não como uma hierarquia. Esse trabalho também visa compreender o caráter de análise ética da visão da autora acerca das construções dos discursos e das ações de alguns dos “personagens” principais do ponto de vista de construção das bases do movimento sufragista feminino; por fim, uma análise do ponto de vista ontológico do significado de “Ser - Mulher” e de como a construção de caráter dos discursos de Sojourner Truth e de Elizabeth Cady Stanton nos dão pontos de vistas diferentes dessa construção, enquanto um discurso é pautado na “conveniência”, de modo que fica ambíguo, o outro nos leva a refletir e a questionar de que mulher que se está falando, permitindo então, uma análise mais fiel da filosofia da Davis, englobando questões de gênero, raça e classe de maneira interseccional no mesmo discurso. .

Palavras-chave: Interseccionalidade. Gênero. Raça. Classe. Política. Ontologia.

Introdução

Em *Mulheres, Raça e Classe*, inicialmente, encontramos um relato histórico da escravidão e das “condições” em que o povo negro se encontrava diante dessa “instituição”; Angela Davis trata de mostrar (dentro da própria escravidão) como eram vistos os papéis do homem e da mulher, tanto pelo homem branco quanto pelos escravos. A autora diz que “é evidente a ausência de um livro especificamente dedicado à questão das mulheres escravas”² e me parece que esse é um dos

1. Graduando em filosofia pela UFBA. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Filosofia UFBA).

2. A autora estabelece uma crítica em relação a isso, pois os livros que se tinha até então sobre a escravidão eram sempre de maneira geral, falando da comunidade escrava ou da família negra na escravidão, mas nada muito específico sobre a mulher negra na escravidão.

motivos que leva ela a escrever um livro que trate o assunto de maneira interseccional, mostrando a importância, tanto de tratar das questões tocantes às mulheres, quanto as que se referem à raça e a classe, pois ela vê uma relação essencial entre os assuntos e, portanto, não há como falar de um assunto sem tocar de algum modo no outro; como ela mesma afirma em “As mulheres negras na construção de uma nova utopia”, no item sobre “A política da esquerda e a questão racial”, “[...] É preciso compreender que classe informa raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida.”³ Deste modo fica evidente a urgente necessidade de tratar desses assuntos sob a perspectiva da interseccionalidade; e mesmo sendo marxista, Davis faz uma crítica à esquerda ortodoxa pelo fato de dar prioridade à questão no tocante à classe em relação às outras opressões, pois ela não as trata de maneira hierárquica, mas sim a partir de uma relação interseccional entre essas questões, ou seja, uma relação na qual sempre que se tratar de um desses assuntos vai, de algum modo, tocar no outro, de sorte que fica evidente a necessidade de tratá-los de com igualdade.

As consequências da escravidão ainda deixam resíduos perceptíveis na sociedade, o racismo institucional⁴, a desigualdade de direitos entre as classes e a desigualdade de direitos entre homens e mulheres, tendo os homens muitos privilégios enquanto que as mulheres ainda sofrem para conquistar seus direitos. Isso é ainda mais perceptível na sociedade quando analisamos a seguinte evidência e constatamos que a mulher negra, na sociedade atual, ainda sofre muito com as consequências dessa “instituição”, conforme diz Angela Davis, “O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um

3. Artigo publicado no portal Geledés – Instituto de Mulher Negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>>.

4. Termo cunhado por ativistas do grupo Panteras Negras em 1967 para representar como se manifesta o racismo na estrutura e organização da sociedade e nas instituições.

padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão.”⁵, no qual as mulheres negras, além de todo o trabalho que faziam na lavoura junto aos homens, ainda cuidavam das tarefas domésticas e das crianças sozinhas.

Com tudo isso, mesmo nesse período, havia certa “igualdade” entre as mulheres e os homens negros na “condição” de escravos, pois, enquanto trabalhadores, eles eram vistos todos como “unidades lucrativas”, o sistema definia o povo negro como propriedade, portanto, “desprovidos de gênero”. Mas essa distinção entre gêneros só não ocorria nesse sentido, pois, mesmo sendo considerada, antes de tudo, “uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário”, a mulher negra, ocasionalmente era vista como esposa, dona de casa e mãe. Disso decorrem já na ideologia da feminilidade, a qual destaca o papel das mulheres como mães cuidadosas, companheiras e inestimáveis donas de casa, os estereótipos que pretendem cativar o âmago do concernente ao papel da mulher no período da escravidão.

O ponto crucial da diferença no tratamento que os homens escravos recebiam para o que as mulheres recebiam é o referente ao castigo. Ao passo em que os homens eram açoitados caso não cumprissem sua meta de produtividade diária, a mulher, além de sofrer esse tipo de violência, ainda sofria da violência sexual, sua condição de mulher e não apenas de “unidade lucrativa”, aparecia, infelizmente, quando era conveniente aos senhores, conforme afirma Davis:

Mas mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando

5. Davis diz isso, pois, na condição de escravas, as mulheres negras tinham seus outros aspectos da existência ofuscados pelo trabalho compulsório, e o que acontece hoje, com o trabalho ocupando grande espaço na vida das mulheres negras, é decorrência disso.

podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p.19)

Essa “redução à condição de fêmea” ganha ainda mais força com a abolição do tráfico internacional de mão de obra escrava, pois, com o crescimento da indústria do algodão, os proprietários de escravos tiveram que contar ainda mais com a reprodução natural para que fosse feita a reposição e ampliação do número de escravos. A partir disso, a capacidade de reprodução de uma escrava passa a ser valorizada e as mulheres negras passaram a ser avaliadas pela sua fertilidade. E percebe-se então, que mesmo já sendo utilizada como um instrumento, na condição de mão de obra escrava, a mulher negra, com essa condição de “reprodutora”, pela qual ela passa a ser avaliada, não ganha o status de mãe, pois os filhos que elas tinham eram considerados também como propriedades dos senhores, mas passam a ser, conforme nos diz Angela Davis, “instrumentos que garantiam a força de trabalho escravo”⁶ e, além disso, ainda nessa condição de “reprodutoras”, as mulheres negras eram consideradas “animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar.” (DAVIS, 2016, p.19); fica perceptível através dessa análise que essa condição de “reprodutoras” na qual as mulheres negras eram vistas e não de mães, a qual a ideologia da feminilidade defendia, não trazia nenhum benefício às mulheres negras, pois ao contrário das mulheres brancas (que eram reconhecidas como mães), as mulheres negras tinham seus filhos arrancados de seus braços e vendidos, “como bezerros separados das vacas”⁷.

6. *Mulheres, Raça e Classe*, p.19. Percebe-se que acima de qualquer coisa a mulher negra era vista pelo homem branco como instrumento, seja como mão de obra ou como “reprodutora”.

7. *Mulheres, Raça e Classe*, p.20.

Os direitos das mulheres

Que os direitos das mulheres desde sempre foram suprimidos pelos homens que se encontraram no poder, ou em qualquer tipo de “posição privilegiada”⁸, é evidente, mas o que não fica tão evidente, pelo menos na maior parte do tempo é o concernente a luta das mulheres em busca de conquistar esses direitos. Ao que me parece, três nomes podem ser citados como os mais importantes no que diz respeito à luta pelos direitos das mulheres; Frederick Douglass, Sojourner Truth e Elizabeth Cady Stanton, mesmo que alguns deles não tenham aderido à causa da maneira como Davis a pensa, estes foram nomes muito importantes de maneira geral.

Acerca do movimento antiescravagista e nos primórdios da luta pelos direitos das mulheres, Frederick Douglass é reconhecido e respeitado por muitos, pois, trata-se do “mais importante abolicionista negro dos Estados Unidos”⁹ e de um grande aliado do movimento, principalmente da luta das mulheres que, conforme afirma Davis, ficou conhecido como “o homem dos direitos das mulheres”¹⁰. Douglass aparece como um homem justo e dedicado que se importa muito com as questões relacionadas à emancipação do povo negro e a luta das mulheres pelos seus direitos, ao menos isso é conforme o “personagem”¹¹ que me aparece nas leituras iniciais de *Mulheres, Raça e Classe*.

Sojourner Truth, de modo semelhante, aparece como uma mulher forte e podemos perceber, ao fazermos uma análise do seu discurso,

8. Uso o termo em acepção mais geral, ou seja, cabe a qualquer homem que tenha se encontrado em posição de privilégio em relação às mulheres em qualquer esfera da sociedade.

9. *Ibidem*, p.43.

10. *Idem*.

11. Uso o termo não em sentido pejorativo, mas porque, acerca de algumas pessoas que a Davis trata em *Mulheres, Raça e Classe*, há uma construção de “caráter” (na acepção de “característica”), no sentido de que “um conjunto de disposições herdadas e de tendências adquiridas, o qual, sem ser rígido e imutável, possui relativa estabilidade e consistência e serve de base às peculiaridades pessoais das vivências, das apreciações valorativas e das volições de um ser humano.” Ou “sistema pessoal de máximas valorativas”. Pois percebo que há certo “padrão” desse tipo de construção acerca de algumas dessas pessoas das quais a Davis fala; uma construção, tanto de “progressão histórica” e mudança dos discursos desses “personagens” conforme avança a tese de Davis.

que se trata de uma mulher inteirada acerca da importância de se ter uma luta pelos direitos das mulheres. Após o episódio ocorrido em Londres na Convenção Antiescravagista Mundial em 1840, onde as mulheres presenciaram um ato da “intolerável supremacia masculina”¹², quando foram barradas pela comissão pelo simples fato de serem mulheres, surgiram novas convenções e em uma delas Truth surgiu. O “aspecto positivo” desse episódio, ocorrido em Londres, no entanto, foi que provocou as mulheres e as levou a organizar a primeira Convenção Nacional pelos Direitos das Mulheres e o fato é que com isso é que a presença e os discursos de Truth puderam ser conhecidos.

No seu famoso discurso “E não sou eu uma mulher?”, o qual é lembrado por Davis em sua obra, Sojourner Truth responde de maneira convicta e muito inspiradora a um homem que havia proferido todo seu discurso de supremacia masculina acerca da questão do sufrágio feminino afirmando que era ridículo o fato de que as mulheres quisessem votar, pois, na visão deste homem e de quase todos os outros, “as mulheres podiam sequer pular uma poça ou subir em uma carruagem sem a ajuda de um homem”¹³, ao que Truth respondeu:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari

12. Ibidem, p.57.

13. Ibidem, p.71.

treze crianças e vi a maioria ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?¹⁴

Este venusto e profícuo discurso de Sojourner Truth surgiu na convenção de Akron¹⁵, o qual a levou a ser aplaudida e tomada como heroína do episódio. Esta personagem, única mulher negra presente na convenção e única mulher a ter coragem de rebater os discursos de supremacia masculina, emprega não apenas um “discurso de caráter político”, mas também de um grande valor filosófico, pois se trata de uma fala com um valor semântico e ontológico de extrema importância para entender a luta pelos direitos das mulheres, pois a fala de Truth demonstra que o direito das mulheres não é importante e legítimo apenas do ponto de vista da justiça e da igualdade, mas também do significado do que é ser uma mulher e de como o “Ser - Mulher” tem toda uma construção social e um caráter interseccional do ponto de vista que “ser mulher” não significa apenas ser um gênero em relação a outro, mas significa também a emancipação em um caráter social (no sentido de classe) e uma divisão entre as acepções de “mulher” e “mulher negra”, ao modo como cada uma é vista pela sociedade, sendo que a mulher negra não é vista apenas como mulher, mas que há, por decorrência da escravidão, uma cisão entre as duas acepções. A colocação de Truth e o modo como ela impõe sua fala mostram o quão poderosos são os discursos e o quão eles podem ser aproveitados tanto na política (a luta pelos direitos das mulheres), quanto como forma de opressão, pois já estão eles tão inseridos na sociedade que as pessoas não se dão ao trabalho de respondê-los, como provavelmente seria o caso se Truth não estivesse presente nesta convenção.

14. Essa citação foi recortada e adaptada da tradução que se encontra disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>.

15. Convenção ocorrida em Akron, Ohio, em 1851, evento que ficou marcado pelo famoso discurso “E não sou eu uma mulher?” de Sojourner Truth.

Quando Truth faz a pergunta “E não sou eu uma mulher?” ela aparentemente está fazendo não apenas um “ato político”, no sentido de colocar-se diante da posição do outro (no caso uma “resposta” direta ao discurso do opressor) que profere um discurso se colocando como superior, mas também uma “provocação” às mulheres que se encontram presentes e que nada fazem diante de um discurso pautado em uma ideia de supremacia masculina. No instante em que profere seu discurso, Soujourner Truth traz consigo diversas questões filosóficas. De um ponto de vista da Ontologia, por exemplo, quando ela pergunta “E não sou eu uma mulher?”, ela insere um problema que é primordial, pois, a ideia¹⁶ que se tem de mulher é essencial para que se possa compreender a questão e assim formular um conceito.

Tendo em vista que as mulheres negras, mesmo dentro do movimento sufragista feminino, sofreram com a segregação racial, é preciso situar o problema do “Ser – Mulher” para poder entender o cerne dos problemas do racismo, machismo e de classe, pois são problemas recorrentes nos discursos e muitas vezes “mascarados” por trás de outros discursos como o de Elizabeth Cady Stanton.

A Construção da concepção do “Ser-Mulher”

Como o próprio Frederick Douglass afirma, “Quando a verdadeira história da causa antiescravagista for escrita, as mulheres ocuparão um vasto espaço em suas páginas; porque a causa das pessoas escravas tem sido particularmente uma causa das mulheres.”¹⁷. Aparentemente o movimento antiescravagista foi precursor do movimento sufragista

16. Utilizo o termo numa acepção mais geral, como “o aspecto manifesto de uma coisa segundo seus traços característicos”, que no caso, me parece ser mais coerente compreender como uma construção social e histórica, pois em certos períodos (trata-se dos períodos de escravidão nos Estados Unidos), e isso fica claro nos primeiros capítulos de *Mulheres, Raça e Classe*, as mulheres negras enquanto escravas eram consideradas como “desprovidas de gênero”, isso apenas quando conveniente aos seus senhores.

17. Frederick Douglass, *The Life and Times of Frederick Douglass*, cit., p. 469. A referência está conforme a que se encontra em *Mulheres, Raça e Classe* (DAVIS, 2016, p. 43).

feminino e, conforme a leitura que faço de Davis, as sufragistas brancas (como no caso de Stanton) se aproveitaram da situação para impulsionar as pautas as quais defendiam. Que elas “lutaram” pelo povo negro e que defenderam a pauta antiescravagista fica evidente com o apoio delas a essas pautas, o que não fica tão evidente são os propósitos que se tem por trás dessa “mascara de conveniência”.

Ao analisarmos principalmente o capítulo quatro da obra *Mulheres, Raça e Classe*, intitulado “Racismo no Movimento Sufragista Feminino”, podemos perceber mais facilmente quais eram as pretensões de Elizabeth Cady Stanton e das outras sufragistas brancas ao dar apoio as pautas antiescravagistas. No capítulo em questão vemos mais precisamente a parte central da construção do discurso de Stanton, pois ela afirma que “[...] o homem negro continua, de um ponto de vista político, muito acima das mulheres brancas instruídas dos Estados Unidos.”¹⁸; este trecho em questão, ao que me parece, representa bem as bases desse movimento sufragista feminino defendido por Stanton e as sufragistas brancas, pois nele encontramos as bases para um recorte fundamental que mostra o cerne do que o discurso propõe ao anunciar “mulheres brancas instruídas dos Estados Unidos” e mostra também a base para o que depois se torna o cerne do racismo dentro do movimento sufragista feminino, a saber, as pautas de supremacia.

Ainda neste mesmo capítulo vemos como a Davis analisa os discursos pautados na ideologia de supremacia que é utilizado pelas sufragistas brancas; e podemos perceber como se construiu uma ideia de mulher que pelo fato de não considerar a interseccionalidade entres as questões postas, a saber, a união da luta pelos direitos das mulheres com a batalha pela libertação do povo negro, incorre em conceber uma ideia de mulher cercada pelos ideais supremacistas, ao que Davis

18. Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony et al., *History of Woman Suffrage*, v. 2; 1861 – 1876 (Rochester, Charles Mann), p. 94-5 (nota). Em *Mulheres, Raça e Classe* p. 79.

mostra que o posicionamento de Stanton e com os discursos que ela adere, quando afirma que

No primeiro encontro anual da Associação pela Igualdade de Direitos, em maio de 1867, Elizabeth Cady Stanton reverberou fortemente o argumento de Henry Ward Beecher de que era muito mais importante que as mulheres (isto é, as mulheres brancas anglo-saxãs) recebessem o direito ao voto do que os homens negros. (DAVIS, 2016, p. 81)

É perceptível, conforme analisamos o posicionamento de Angela Davis sobre a ideia de mulher que era disseminada pelas feministas brancas, que quando se fala em “mulher” nestes discursos, como vimos na própria construção do argumento de Stanton, está se falando apenas das “mulheres brancas instruídas dos Estados Unidos” e assim se constitui o caráter supremacista dos discursos das feministas brancas, de modo que a ideia que se tem de mulher não abarca todas as mulheres, mas apenas uma parte delas, a saber, a parte privilegiada, portanto, este não pode ser o discurso que se use para a causa das mulheres; a proposta de Davis é de se pensar a interseccionalidade, de ver que assim como as opressões se dão “unidas” de certa maneira, as lutas contra essas opressões tem que abarcar todas as classes oprimidas, de modo que se preze pela interseccionalidade dentro não apenas do movimento sufragista feminino, mas de qualquer movimento que lute contra opressão, daí se vê a importância, dentro do movimento sufragista feminino, de se pensar a respeito de que mulher se está falando, quem é a mulher que este discurso está defendendo?¹⁹

19. Trata-se aqui da “ideia” que se tem de mulher e de quais mulheres os discursos que se utilizam desta ideia estão defendendo, pois o que se percebe é que se não tratar as questões de modo interseccional, como propõe Angela Davis, corre um risco muito grande de, assim como aconteceu dada a influência do racismo no movimento sufragista feminino, de ao invés de lutar contra a opressão, ao invés de aderir à causa e se pensar a respeito das pautas e de quem essas pautas abarcam, oprimir ainda mais uma parte da classe que já é oprimida.

Considerações finais

De modo geral o pensamento de Davis é bastante voltado para a questão da relação entre gênero, raça e classe, e não poderia ser diferente ao se tratar do movimento sufragista feminino. Esse caráter interseccional trabalhado na obra da Davis fica muito evidente pelo modo como ela constrói seu argumento, ao passo que mesmo quando um capítulo da obra diz respeito a uma questão mais específica, como, por exemplo, o tema do estupro ou da educação, ela consegue articular de uma maneira que contemple de forma geral todo o caráter interseccional do tema tratado em relação aos demais temas.

Em *Mulheres, Cultura e Política*, Angela Davis traz de modo bastante evidente, pelo fato dela dar tanta ênfase, um conceito que é na verdade um lema, o “Erguendo-nos enquanto subimos”²⁰, para mostrar a importância da união e mostrar que as mulheres afro-americanas devem prezar sempre por essa relação transversal das causas que são vinculadas em suas pautas políticas.

O que percebemos na leitura que fazemos da obra de Angela Davis é que ela preza muito, como pôde ser constatado, pela questão da interseccionalidade, de modo que quando ela se põe a analisar os discursos políticos das sufragistas brancas, chega à constatação de que eles não abarcam toda a complexidade que permeia a causa sufragista feminina. Davis faz uma análise ética dos discursos, mostrando como desde o modo como essas sufragistas brancas encaram a luta e o que

20. No capítulo intitulado “Vamos subir todas juntas: perspectivas radicais sobre o empoderamento das mulheres afro-americanas” da obra *Mulheres, Cultura e Política*, Davis dá bastante ênfase a questão da interseccionalidade, utilizando o lema para mostrar como as mulheres afro-americanas precisam compreender as lutas para que possam abarcar todas as causas que estão em pauta, analisando dessa perspectiva, percebemos que o lema “Erguendo-nos enquanto subimos” funciona como a interseccionalidade enquanto um conceito aberto, ou seja, que sempre se permite ser pensado e que assim consegue ser abrangente e abarcar todas as questões postas em pauta, como a própria Davis afirma, caso tenha um compromisso com a causa das mulheres afro-americanas, devem-se preocupar com a questão do desemprego, da falta de moradia, da legislação migratória repressiva, das condições de trabalho, da homofobia, do idadismo, do preconceito em relação às pessoas com deficiência física, etc., para que assim possamos “erguer-nos enquanto subimos”.

elas querem conquistar com ele já se podem encontrar indícios de que não trazem consigo a totalidade da causa.

A importância da interseccionalidade no movimento sufragista feminino é algo que para Davis é essencial, pois é preciso que se pense além da conquista do voto, que é objeto, aparentemente, motivador da ação; mas que se repense a causa e se perceba que o que está em jogo na luta pelo sufrágio feminino, além do direito do voto ou de qualquer outro que possa ter sido o motivo da luta, a questão da liberdade. Pela questão da interseccionalidade que ela concebe como ponto de extrema importância e que por isso que se deve ser pensada a todo tempo é que podemos perceber o significado de Ser-Mulher em Angela Davis e no ideal do sufrágio. Trata-se não apenas de um gênero em relação à outro, que pelo fato de ter sido oprimido busca igualdade, mas também de uma emancipação em caráter total, de modo que tanto gênero, quanto raça e classe sejam pautas recorrentes e para além disso, todas as questões que ela coloca como essenciais para que possamos erguer-nos enquanto subimos.

Referências

BRUGGER, Walter. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 4. ed. São Paulo, EPU, 1987.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Cultura e Política*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo, Boitempo, 2017.

_____. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo, Boitempo, 2016.

<<https://www.geledes.org.br/>>